

O CONHECIMENTO CARTESIANO NA CONSTRUÇÃO DO SER HUMANO

Jaquissom Aguiar Guimarães¹

Ernesto dos Santos Ribeiro Neto²

Resumo: Conhecer, de um modo rigoroso é utilizar a razão para exercer a dúvida em busca de uma certeza. Este artigo não tem como meta formar uma visão o mais abrangente possível sobre os meios para conhecer a realidade, mas visa à importância de deformar às diversas visões externas para um saber partindo da interioridade, na procura de cada leitor enxergar por si mesmo. Para a construção deste artigo abordaremos a existência de Descartes, seu percurso para um conhecimento autêntico, que se concede através do indagar a realidade humana, abandonando a exterioridade para o encontro de si. Juntamente com o método cartesiano, algo que lança o homem à procura inerente de respostas seguras sobre os diversos conhecimentos das ciências particulares. Enquanto tarefa humana é um caminho rumo à sabedoria, um agir consciente, conduzido sempre através de dúvidas e não satisfazendo com as respostas parciais.

Palavras-chave: Cartesiano, conhecimento, realidade, subjetividade, verdade.

Abstract: Precisely, to know is the reason that exercises the doubt, searching for certainty. This article does not aim to form a view as comprehensive as possible on the means to know reality, but seeks the importance of deforming the various external views to a knowledge based on the interior in search of every reader see for yourself. To improve this paper we discuss the existence of Descartes, his journey into a genuine knowledge, which grants through inquiring human reality, abandoning the externality for the meeting itself. Along with the Cartesian method, which throws the man looking inherent safe answers on the various skills of the particular sciences. While human task is a path to wisdom, one conscious act, always driven by doubt and not complying with partial responses.

Keywords: Cartesian, knowledge, reality, subjectivity, truth.

¹ Graduando em Filosofia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. E-mail: jaquissomgm@gmail.com

² Graduando em Filosofia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. E-mail: ernestodosantos@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

Descartes empreende uma tarefa a si mesmo que consiste no esforço em adquirir um conhecimento verdadeiro, que fosse claro, seguro e útil à vida. Para concretizar essa ação dedicou fortemente a sua formação para atingir os seus objetivos que consiste na alteração da relação entre Ciência e Filosofia, entre Ciência e Metafísica, como estão contidos no *Discurso do Método*. A crítica que ele estabelece às ciências, partindo das Letras, à Matemática e a Teologia e o abandono dessas ciências para encontrar a verdadeira ciência dentro de si mesmo (DESCARTES, 1999, p. 40) torna-se a principal razão para a construção deste artigo, pois possibilita ao iniciante nos estudos filosóficos uma postura crítica em relação ao exercício filosófico e as práticas filosóficas trabalhadas e travadas durante os semestres letivos, bem como, a segurança para avançar com cautela entre o que é ensinado como saber tradicional, o que é incontestável, mas também, com a ousadia proposta por Descartes de entrar em si mesmo e para por a si mesmo à prova nos “reencontros que o destino me propunha e, por toda a parte, para refletir a respeito das coisas que se me apresentavam, a fim de que eu pudesse tirar algum proveito delas” (DESCARTES, 1999, p. 42)

Para realizar a tarefa proposta, neste artigo delimitaremos a abordagem em duas obras de Descartes: *O discurso do método* e as *Meditações sobre a filosofia primeira*. A primeira relação que podemos constatar nas referidas obras e no objetivo deste artigo é a intrínseca relação entre a constituição do sujeito, o conhecimento de Deus e a busca pela sabedoria, como o filósofo francês descrevem com maestria na quarta parte do *Discurso do Método*.

Porém, antes de adentrarmos na análise da obra, propriamente, é preciso seguir uma advertência cartesiana ao pé da letra, para não correremos o risco de tropeçarmos nos próprios pés. Segundo Descartes: “sou um autor apenas para ser lido por aqueles que querem meditar seriamente comigo e que querem e podem desviar o espírito dos sentidos e de todos os prejuízos – e que há muito poucos desses, bem o sei” (DESCARTES, 1988, p. 94). O que significa meditar seriamente para Descartes? Qual o método para desviar o espírito dos sentidos e proceder filosoficamente em direção ao conhecimento de si mesmo? Teriam razão Husserl, Heidegger e Gabriel Marcel ao afirmarem que Descartes foi o fundador da subjetividade moderna como identifica Gustavo de Fraga (apud DESCARTES, 1988, p. 103) na introdução à obra *Meditações sobre a filosofia primeira*?

Este artigo, mesmo que de maneira muito primária, segue uma linha de pensamento diferente da concepção vigente que estabelece um Descartes racionalista e desprovido das preocupações existenciais. Pelo contrário, se é correta a tradução do

Discurso do Método para a língua portuguesa, na sexta parte, ele esclarece “que é possível chegar a conhecimentos que sejam muito úteis à vida, e que, em lugar dessa filosofia especulativa que se ensina nas escolas, é possível encontrar uma outra prática mediante” (DESCARTES, 1999, p. 86) a qual corretamente empregada poderia conservar a saúde que é sem dúvida o “primeiro bem e a base de todos os outros bens desta vida” (p. 87). Observemos o cuidado com as questões vitais apontadas pelo estudante famoso do Colégio *La Flèche*.

A BUSCA DA VERDADE

Husserl na introdução às *Meditações cartesianas*, no parágrafo intitulado *necessidade de um começo radical em filosofia*, reflete e ao mesmo tempo coloca uma questão que representa um desafio para nós, estudantes de filosofia no Brasil. Segundo Husserl: “a nostalgia de uma filosofia viva conduziu, nos nossos dias, a vários renascimentos. Perguntamos: o único renascimento verdadeiramente fecundo não consistirá em ressuscitar as *Meditações cartesianas*?” (HUSSERL, s/d, p. 15) Ressuscitar para provocar um retorno radical ao *ego cogito*. A questão que complementa a presente tese é como assumir a revolução cartesiana em sua inteireza, isto é, a ideia clara e distinta de um fundamento absoluto para o conhecimento com a existência humana incompleta, inconstante e limitada?

O deslocamento operado por Descartes ao questionar a possibilidade do conhecimento seguro e verdadeiro representa um correto distanciamento da concepção clássica da filosofia que se detinha nas possibilidades de conhecer o ser, por isso mesmo, a tese da identificação entre ser e pensamento, ou entre a adequação entre pensamento e ser perdurou durante tantos séculos. Para o autor das *Meditações*, contudo, o esforço consiste na constituição do verdadeiro saber como ele demonstra na sexta parte do *Discurso do Método*.

Em princípio, procurarei encontrar os princípios, ou causas primeiras, de tudo quanto existe, ou pode existir, no mundo, sem nada considerar, para tal efeito, senão Deus, que o criou, nem tirá-las de outra parte, salvo de certas sementes de verdades que existem naturalmente em nossas almas. Em seguida, examinei quais são os primeiros e os mais comuns efeitos que se podem deduzir dessas causas. (DESCARTES, 1999, p. 88)

Seria a verdade a fonte ou fundamento para as questões propostas por Descartes? Quem encontrou a verdade, encontrou Deus? Se a tese exposta na quarta parte do *Discurso do Método* em que ele afirma que “as coisas que concebemos bastante evidente e distintamente são todas verdadeiras, não é correto a não ser porque Deus é ou existe, e é

um ser perfeito, e porque tudo o que existe em nós se origina dele” (DESCARTES, 1999, p. 67). Ora, se tudo o que existe em nós se origina de Deus, conhecer a si mesmo não é o caminho que conduz ao conhecimento de Deus? E esforçar-se seriamente para conhecê-lo não é o caminho mais seguro para o conhecimento de si mesmo?

O fato é que Descartes em sua vida procurou responder adequadamente à essa provocação. Sua existência, portanto se baseia na busca incansável da verdade, ao perceber que possuía muitas opiniões consideradas verdadeiras e se tornava necessário encontrar um ponto firme e resolutivo a fim de caminhar com segurança nesta vida. Pois, possuir uma opinião sem reflexão, acarretaria na crença de algo, mutável ou uma falsidade sobre o que nos cerca, mas tudo poderia ser transformado em uma equação clara e evidente. Para Descartes a natureza é como uma máquina e tudo nela podem ser traduzidas em linguagem matemática.

Mas, a natureza e a matemática não detém o conhecimento ou o fundamento último do ser humano e muito menos da realidade, porque esses saberes não podem responder com segurança a proposição “eu sou, eu existo” (DESCARTES, s/d, p. 119). Mas, quem sou eu, eu que agora sou necessariamente? Como a matemática que ele tanto admira poderia responder a essa questão? O que eu sou? O que é minha existência? No parágrafo 8 da segunda meditação intitulada *da natureza do espírito humano: o que se conhece melhor do que o corpo*, o autor de *O discurso do método* questiona: “Mas que ou eu então? Uma coisa pensante. O que quer isto dizer? Quer dizer: uma coisa que duvida, que compreende, que afirma, que nega, que quer, que não quer, que também imagina, e que sente” (DESCARTES, s/d, 124) Por que Descartes identifica o eu como uma coisa pensante? Coisa para Descartes equivale a sujeito? O eu não seria adequado afirmar que é um sujeito pensante? Contudo, para efetuar essa mudança da coisa ao sujeito, pensamos que o próprio Descartes deveria retornar às regras do *Discurso do método* e confrontá-lo com o exposto na quarta meditação quando evidencia as condições necessárias para superar o engano ou a imaginação e produzir o verdadeiro saber, posto que, dependem fundamentalmente “do concurso de duas causas, isto é, da capacidade de conhecer que há em mim e da capacidade de escolher, ou seja, do meu livre-arbítrio: do meu entendimento em conjunto com a minha vontade” (DESCARTES, 1999, p. 295). Dessa forma, o mais importante não é ter uma razão, mas fazer o uso correto delas em sintonia com a liberdade e a vontade.

O MÉTODO DE DESCARTES

O conhecimento não se define somente com o ultrapassamento da mera informação imediata, a fim de desfazer uma visão o mais abrangente possível da realidade, mas pela consciência do indivíduo, de forma mais abarcante se caracteriza por afastar o homem do caminho comum e construir o seu próprio, assumindo a si mesmo como um ser pensante que colocando a dúvida como condição de superar o erro ou a dúvida em direção à verdade e ao conhecimento seguro, é capaz de estabelecer a unidade do saber. Em termos cartesianos, para chegar a essa resolução, é necessário duvidar dos princípios que recebemos dos nossos sentidos e daqueles que adquirimos na infância, filtrando nossos conhecimentos adquiridos de maneira metódica e sistemática como estabelecido na terceira regra do método, que afirma como condição o de “*conduzir por ordem meus pensamentos, iniciando pelos objetos mais simples e mais fáceis de conhecer, para elevar-me pouco a pouco, como galgando degraus, até o conhecimento dos mais compostos*” (DESCARTES, 1999, p. 50).

A dificuldade apontada por Descartes permanece até hoje, isto é, o processo do conhecimento é árduo. É necessário muita ponderação e análise para superar a geometria, a álgebra, a lógica e a própria filosofia vigente, como denuncia e anuncia na segunda parte do *Método*, pois com efeito, “considerarei ser necessário buscar algum outro método que, contendo as vantagens desses três, estivesse desembaraçado de seus defeitos” (DESCARTES, 1999, p. 49). E ainda nesta mesma busca, de um conhecimento claro e distinto, ele passa a duvidar de tudo, “*nunca aceitar coisa alguma como verdadeira sem que a conhecesse evidentemente como tal*” (DESCARTES, 2007, p. 33), mas se depara com um grande enigma, qual fórmula utilizar para chegar a uma conclusão verídica sobre as coisas que nos cerca? E neste questionamento faz surgir uma única proposição: a existência do sujeito que duvida, mesmo não comprovando, se é uma coisa ou um espírito, a sua existência é indubitável, daí o cogito: “penso, logo existo”!

Contudo, construir o conhecimento não é ficar alimentando dúvida sobre o que está claro. Questionar a evidência é um exercício de força e contrária a sua natureza, pois não há motivo para duvidar do que está distinto, como, por exemplo, a existência de Deus. Se no pensamento não restar nenhuma dúvida íntima sobre o mesmo, não há razão para ficar questionando o mesmo ponto. Para Descartes, segundo Michelly Beysade, *Deus é o primeiro ser, cuja existência reconheço depois da minha* (Cf. BEYSADE, 1972, p. 39). Por isso, o conhecimento se define como a exceção da própria sabedoria, ou melhor, após encontrar tal evidência sobre algo se faz necessário não parar sobre o mesmo, contudo perceber que quanto mais sabemos, mais reconheceremos a nossa ignorância.

Descartes desta forma rebelou o pensamento filosófico e científico da época, publicando vários livros, dentre eles ‘*O Discurso do Método*’, baseado em quatro regras que mostram o percurso para o conhecimento real de todas as coisas a “*qual o espírito fosse capaz*”. A primeira delas consistia em “*nunca aceitar coisa alguma como verdadeira sem que a conhecesse evidentemente como tal*”, a fim de diferenciar o verdadeiro do falso, o que pertence aos sentidos e o que pertence ao espírito. Portanto, a primeira condição é a clareza e a distinção. Ora, se assim for, o argumento de autoridade, ainda utilizados em muitos cursos de Licenciatura, cai por terra, pois quem estabelece o que é certo e errado é a consciência do sujeito e não mais a autoridade de quem está fora do próprio argumento. Por isso, Descartes questionou as decisões que tomam os desejos como ponto de partida, pois estes levam em conta as autoridades das igrejas escolásticas, os líderes políticos escolhidos por deuses... em outras palavras não estaríamos agindo conforme o eu, mas como projeções vinda do estado, da religião, da família...

Pois para o ser vivo não é necessário discutir a formulação dos conteúdos, mas simplesmente decorar sua fórmula, o que gera seres mecânicos, que agem não por uma escolha livre, mas programados para agir de tal forma segundo o estado ou o costume como é estabelecido no início da quarta parte do *Discurso do Método*, quando ele afirma que “*havia bastante tempo observara que, no que concerne aos costumes, é às vezes preciso seguir opiniões, que sabemos serem muito duvidosas, como se não admitissem dúvidas, conforme já foi dito acima*” (DESCARTES, 1999, p. 61).

Porém, para seguir a trajetória proposta por Descartes de se “*dedicar apenas à pesquisa da verdade*” (DESCARTES, 1999, p. 61) é preciso que as condições materiais e econômicas estejam atendidas, o que, convenhamos não é possível para a maior parte dos estudantes de filosofia que precisam trabalhar e estudar para concluir a graduação. Os trabalhadores brasileiros em sua grande maioria não seriam capazes de concretizar a proposta cartesiana porque muitos trabalham e o trabalho se define como mercadoria, não há um reconhecimento do papel de cada qual na sociedade, contudo tudo se resume em uma troca de mão de obra por obra prima, como afirma Maria Luiza Silveira Teles:

Eu sou o Zé. O Zé que constrói pontes, edifícios, barragens, clubes, que limpa ruas, arruma jardins, aquele que trabalha na fábrica de automóveis, de eletrodomésticos, de tecidos. Mas que não tem acesso a nada que faz...
Eu sou o Zé que torna possível a vida de muitos, mas com quem ninguém se importa. E que, qualquer dia desses, vai morrer na porta de um hospital público e ser jogado numa vala comum (TELES, 1996, p. 71).

Este parece ser um paradoxo que não coube a Descartes, até porque, pelo que consta no texto autobiográfico, ele afirma que após passar em revista as diferentes ocupações que os homens percorrem nesta vida, para poder escolher a melhor, ele decide

continuar seguindo a que havia escolhido, ou seja, “*utilizar toda a minha existência em cultivar minha razão, e progredir o máximo que pudesse no conhecimento da verdade*” (DESCARTES, 1999, p. 57).

Contudo, é preciso o uso correto da liberdade, para se realizar uma tomada de posição radical, para o indivíduo não ser reduzido a objeto pensante, mas se constitui em indivíduo pensante e reflexivo visando tornar-se um ser verdadeiro e autêntico. É preciso, seguindo a proposta de Descartes, tornar-se o autor do ato de conhecer para conhecer os próprios limites e se reconhecer enquanto coisa pensante, pois o sujeito que não se conhece não possui uma identidade própria, tornando-se escravo de si mesmo. Embora o ego do cogito baste a si mesmo e não exista em Descartes uma preocupação com o outro, pois “*os outros homens e os animais são para mim dados de experiência apenas em virtude da experiência sensível que possuo dos seus corpos [...] com os outros ‘eu’ desaparecem naturalmente todas as formas sociais e culturais* (HUSSERL, s/d, p. 31) é fundamental estabelecer que é importante reconhecer a própria ignorância, pois é a partir dessa primeira constatação que o indivíduo pode se procurar, na procura de se encontrar, mas é preciso, segundo o autor de o Discurso do Método “um longo adestramento e uma meditação frequentemente repetida para nos habituarmos a olhar todas as coisas por este ângulo” (DESCARTES, 1999, p. 56).

O MÉTODO

Descartes estabelece como fundamento do método dois pontos cardiais: a teoria do conhecimento e as matemáticas como exposto nas obras *O discurso do método* e nas *Meditações Metafísicas*, especialmente na quinta parte desta última. Porém o método já havia sido elaborado parcialmente com 21 regras na obra intitulada *Regras para a direção do espírito* em 1628. Na obra em questão, foram reduzidas as regras para um número de quatro, pois ele concluiu que é preferível tratar-se destas poucas regras à luz da geometria.

O método segue um caminho baseado na matemática e a primeira regra estabelece que não se deve aceitar algo como verdadeiro sem passar por uma minuciosa revisão, evitando a pressa e a prevenção de “nada fazer constar em meus juízos que não se apresentasse tão clara e distintamente a meu espírito que eu não tivesse motivo algum de duvidar dele” (DESCARTES, 1999, p. 49). Mas quem duvida? O indivíduo ou a razão? Onde estaria o homem psíquico, o homem afetivo, o homem verdadeiro em Descartes?

A segunda regra do discurso consiste dividir “cada uma das dificuldades que eu analisasse em tantas parcelas quanto fossem possíveis e necessárias a fim de melhor solucioná-las” (DESCARTES, 1999, p. 49). Esta regra demonstra a perspicácia cartesiana

ela está fundamentada na primeira que consiste em conhecer clara e distintamente e para isso é necessário dividir para que possa se conhecer o núcleo ou fundamento da coisa estudada e na terceira que é conduzir por ordem os pensamentos das coisas mais simples e fáceis até as coisas mais complexas. A quarta regra é a de ouro, pois estabelece como condição de chegar à verdade a necessidade de “efetuar em toda parte relações metódicas tão completas e revisões tão gerais nas quais eu tivesse a certeza de nada omitir” (DESCARTES, 1999, p. 50). Como é fácil constatar, a quarta via, percorre um caminho inverso ao da segunda que estabelece a divisão, enquanto esta, põe a enumeração, de forma que nas relações metódicas e completas, estabelece-se também uma crítica do próprio conhecimento produzido como forma de nada omitir.

Tal como a própria casa que não se encontrando sob uma base confiável, se faz necessário derrubá-la a fim de construí-la em um alicerce firme e resoluto, talvez nisso consista o maior desafio do ser humano, assim Descartes percorreu o caminho de inquietação e de renúncias, na busca do conforto e da contemplação da verdade e consequentemente, o caminho de uma felicidade completa e autêntica.

Entretanto muitos, ao decidir seguir o método, podem considerá-lo impossível em alguns momentos, mas o desafio é necessário. Contudo, aqueles que perceberem que não serão capazes de segui-lo até o final, de se manter no caminho da dúvida, permaneceram perdidos e não se chegará a lugar nenhum, pois ficaria dando voltas, assim como afirma Alexandre Koyré: “... não é para todos esse discurso, é muito penoso, muito longo e muito perigoso e só aproveita quem tem força para seguir até o fim” (KOYRÉ, 1987, p. 22). Desta forma, é preciso buscar outros meios para conhecer as verdades, cientes do conceito do saber.

E, embora talvez haja pessoas tão sensatas entre os persas ou os chineses quanto entre nós, parecia-me que o mais útil era seguir aquelas com quem teria de viver; e que, para saber quais eram verdadeiramente suas opiniões, deveria atentar mais ao que praticavam do que ao que diziam (DESCARTES, 2007, p. 44)

Contudo, compreender o sentido e os requisitos para um conhecimento verdadeiro não é o bastante para viver melhor, entretanto somente seguindo constantemente nesta direção, mesmo de forma lenta, mas não desviando do percurso é que vai fazer com ele verdadeiramente exista como escritor de sua própria existência.

CONCLUSÃO

É preciso buscar o conhecimento com o intuito de investigar a realidade, mas principalmente a si mesmo, para a formação de indivíduos autônomos e livres, mas para isso, deve-se seguir um caminho criterioso a fim de excluir toda e qualquer possibilidade de dúvida sobre o que se pretende conhecer. Desta forma a contribuição desse saber para o individuo começa a partir do momento em que ele passa a fazer o uso correto da própria razão dando sentido à vida, e não simplesmente viver por viver, passando assim a existir, conforme Descartes estabelece na quarta parte do método quando afirma que nada há no *eu penso, logo existo* que lhe dê a certeza de que diz a verdade, salvo quando vê muito claramente que, para pensar, é preciso existir (1999).

O que Descartes propõe em seu livro *Discurso do método*, é algo além de encontrar a realidade das coisas, algo muito maior que descobrir as verdades e falsidades que muitas vezes são impostas pelo cotidiano, pela cultura, pela religião, pela política, etc. Duvidar de tudo é a condição para deixar de sermos sujeitos passivos, portanto ele não ensina apenas o rumo para trilhar em um caminho sólido, mas aborda a essência de como se caminhou.

O *Discurso do Método* não se resume em um tratado científico, ou um manual pedagógico: “Assim, o meu desígnio não é ensinar aqui o método que cada qual deve seguir para bem conduzir sua razão, mas apenas mostrar de que maneira me esforcei por conduzir a minha” (Descartes. 2007,p. 4). Tais escritos se baseiam em sua autobiografia, na tentativa de mudar a si mesmo, não se limitou em orientar somente seu ser, mas juntamente a forma de pensar de uma época, eis o pai da moderna teoria do conhecimento.

REFERÊNCIAS

- BEYSSADE, Michell Descarres. *Descartes*. 7 ed. Lisboa, 1983.
- DESCARTES, René. *Discurso do método* [Introdução, análise e notas de Etienne Gilson]. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- _____. *Discurso do método*. São Paulo: Abril cultural, 1999.
- _____. *Meditações sobre a filosofia primeira*. Coimbra: Livraria Almedina, 1988.
- GUENANCIA, Pierre. *Descartes*. Universitaires de France, Paris 1983.
- HUSSERL, Edmund. *Meditações cartesianas*. Porto, Portugal: Editora Rés, s/d.
- KOYRÉ, Alexandre. *Considerações sobre Descartes*. 2 ed. Lisboa: Presença, 1987.
- TELES, Maria Luiza Silveira. *Filosofia para jovens: uma iniciação à filosofia*. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.